

Ricardo Gonçalves

“A tese relativista de Protágoras e sua repercussão no ceticismo antigo”

Por volta do século V a.C., surgiu, por necessidades políticas, na Grécia, uma qualidade de pensador que recebeu o nome de *sofista*.

Os sofistas eram pessoas que tinham uma grande habilidade retórica, isto é, desenvolveram a arte do bem falar. Eram freqüentemente atacados por aqueles que são reconhecidos pela história da filosofia como *filósofos*, porque se lhes imputava o desenvolvimento e a aplicação da “logomaquia”. A palavra “logomaquia”, em grego, traduzida literalmente, significa disputa, guerra, conflito, combate entre discursos.

O que faziam esses logômacos? Estabelecido um tema, acerca dele cada um deles tentava desenvolver um ponto de vista. O que lhes importava (e isto é o que era mais condenável sob o aspecto filosófico) não era o conteúdo do que se dissesse, mas quem era o mais capaz de defender a sua idéia.

As idéias dos sofistas, desse modo, podiam ser apenas um palavório, um “jogar conversa fora”. Essa conversa nem sempre tinha alguma importância para o desenvolvimento da política, ou do pensamento na cidade. Porém, havia um outro assunto que fazia parte da atividade do sofista, isto é, uma retórica voltada para a atividade social. O sofista, como retórico, tinha o objetivo primeiro e mais importante de ensinar a um público seletivo, e esse público seletivo consistia na alta aristocracia da cidade. Suas aulas eram oferecidas a quem as pudesse pagar; os demais estavam excluídos do âmbito de sua atenção.

O objetivo das aulas de retórica era fazer que os jovens, muitas vezes aspirantes a cargos políticos, tivessem um discurso suficientemente eloqüente para chegar a esses cargos.

A retórica se transforma em uma atividade absolutamente necessária no transcorrer da democracia ateniense. Aquele que melhor fala é aquele que consegue as melhores glórias no discurso.

Conhecemos o célebre ideal dos gregos, a *kalokagathía*, que significa tornar-se belo e bom. Para Platão, isso tem uma significação completamente diferente da que vai ser assumida pelos sofistas. Para

este filósofo, belo e bom é o virtuoso, a pessoa que, tendo obtido conhecimentos no mundo das idéias, das verdades essenciais, uma vez que retorna ao mundo sensível, tem como tarefa primordial recordar-se dessas informações recebidas. O belo e bom, para Platão, é o sujeito que tem condições de procurar e efetivamente procura o conhecimento. Segundo os sofistas, belo e bom será aquele que possuir maior habilidade oratória. Tanto melhor e mais belo será o sujeito, quanto melhor souber falar.

A virtude política é o objetivo do sofista, e não há outra. Não há comprometimento do sofista com a *verdade*. Seu comprometimento é com o discurso. Esse discurso, uma vez transformado em uma unidade persuasiva, isto é, fazendo-se compreender pelos ouvintes e fazendo-se assumir por eles, é justamente o objetivo do sofista.

Ao contrário do que muitos historiadores dizem, os sofistas possuem uma doutrina. Diz-se que eles não têm doutrina alguma, que simplesmente defendem aquilo que lhes chega às mãos. Eles podem fazer isso também. Em muitas ocasiões o sofista é pago para produzir um discurso, ainda que não compactue com as idéias ali expressas. Embora não sejam suas idéias, por ter sido pago, ele produz o discurso. Não obstante, os sofistas, em geral, possuem algumas doutrinas nas quais acreditam. Por exemplo: imaginam que as leis são uma mera convenção e pregam que deveria haver um abandono desse convencionalismo e uma volta do homem à natureza. E por que isso? A lei, como produto da convenção, é uma criação de circunstâncias. Os sofistas observam nas sociedades existentes, não somente na cidade de Atenas, mas em todos os lugares, que as leis são produzidas de acordo com a conveniência dos que mantêm o poder, não sendo elas permanentes, mas instáveis, tanto quanto o são o desejo e a exigência dos governantes.

Dizem os sofistas: “como podemos confiar em algo que nos foi imposto, uma vez que essa imposição se apresenta como contrária à própria natureza do ser humano?” E tanto a lei é contrária, segundo os sofistas, à natureza humana, que o homem, com muita dificuldade, tem de adaptar-se a elas. Eles imaginam que deveria ser feita uma subversão nessa ordem de coisas e uma volta ao estado de natureza, em que poderiam ser supridas todas as necessidades, a partir delas mesmas, sem a necessidade de dar-se satisfação a outras pessoas ou à lei da cidade.

Nós vamos encontrar um desenvolvimento bastante frutífero dessa discussão na modernidade, no iluminismo, porque os filósofos iluministas voltam à questão do estado de natureza. “Como o homem era feliz!”, dizia Rousseau; outros disseram o contrário: “Como o homem era miserável na época em que vivia sob as determinações da natureza e não havia lei que regulasse o movimento dos cidadãos entre si!” Rousseau continuava: “Infelizmente, não podemos voltar ao estado de natureza. Entretanto, ele era melhor, porque era lá onde o homem desenvolvia plenamente as suas potencialidades, onde ele era livre para fazer o que a sua natureza lhe pedia que fizesse”. A lei, segundo os sofistas, subverte a ordem da natureza e exalta padrões que são perniciosos a um indivíduo.

Estas são algumas idéias para introduzir o assunto. Agora, vou falar a respeito de Protágoras, que possui uma sentença que é o primeiro fragmento mencionado na coleção de Diels-Kranz: “O homem é a medida de todas as coisas, das que são enquanto são e das que não são enquanto não são”. E continua: “Assim como as coisas me parecem, assim elas o são para mim; assim como elas te parecem, assim elas os são para ti”. Isto é, Protágoras está determinando o pensamento individual como sendo parâmetro de todas as avaliações.

Em Platão, encontramos uma verdade estabelecida, eterna, separada, independente do ser humano, lá no mundo inteligível, constituída pelas idéias de bem, verdade, justiça, coragem etc. Para Protágoras, nós não temos nada disto, pois não há outro mundo para além daquele em que vivemos. Neste mundo em que vivemos, quem determina o que é verdadeiro e o que é falso? “Sou eu, o sujeito individual”, responderia Protágoras.

O sujeito é o parâmetro de todo julgamento e de toda verdade. O que é a verdade segundo o sofista? É aquilo que é determinado pela consciência e para a consciência; é ela que determina o que é verdadeiro, e ela o determina para si.

Protágoras diz: “Assim como as coisas me parecem, assim elas o são para mim, não havendo nenhum compromisso de ser o mesmo para você. Ainda que você queira concordar comigo, não há possibilidade. Uma vez que o que penso é um pensamento meu, toda a determinação que você der ao seu pensamento, por mais semelhante que seja ao meu, é sua. Não há como compararmos e encontrarmos uma identidade entre o pensamento de duas pessoas”.

Vamos encontrar, na modernidade, também Kant falando alguma coisa que nos remete a Protágoras, quando diz que o nosso conhecimento é de *fenômenos*. Segundo Kant, na **Crítica da Razão Pura**, não conhecemos essências, como imaginava Platão. “Se há essências - diz Kant -, elas são incognoscíveis”. Se é assim, de que, então, devemos ocupar-nos? A resposta é: daquilo que está diante de nós, do aqui, do agora, do imediato, dos fenômenos, e fenômeno é aquilo que aparece, tal como aparece. O conhecimento do fenômeno, então, provém, segundo Kant, assim como já acontecia para Protágoras, do modo como as coisas aparecem a cada sujeito. Isso determina, também, que a verdade seja algo relativo. Não temos, com os sofistas, verdades absolutas.

Se quisermos, poderemos até dizer, seguindo a linha de pensamento de Protágoras, que pelo menos uma verdade há, a saber, que cada um tem a sua verdade; esta seria uma verdade inquestionável e a única pela qual deveríamos guiar-nos. Protágoras não fala isso claramente, portanto, eu não quero responsabilizá-lo por esta minha conclusão.

A consciência, segundo este aspecto, acaba não atingindo o universal. Claro! Se o homem é um ser transitório, se vive apenas o momento em que está, se pensa de acordo com as circunstâncias do momento, não interessa que imagine haver uma verdade universal, que não lhe serve de nada. Importa-lhe imaginar que em cada momento do seu existir deve pensar em uma coisa diferente, e, em cada coisa diferente que pensa, constitui o seu mundo de modo diferente do momento anterior.

Por isto que acabei de dizer, percebe-se que Protágoras é tributário de Heráclito, o filósofo do fluxo. Tudo flui: assim como a natureza flui, também fluem o homem e suas idéias, que acompanham o ritmo da transformação.

Tanto quanto o homem é transitório, são transitórios os objetos do conhecimento. Imaginemos os objetos sensíveis. Eles mudam. A mudança do objeto sensível determina a mudança do modo de o homem vê-lo e, portanto, muda também a forma de pensamento.

O “homem-medida” de Protágoras, pela primeira vez, traz à Grécia o sujeito singular, dá um valor extremo à singularidade e à individualidade.

Já temos em Sócrates e em Platão um homem individual. Platão imagina que cada pessoa, cada alma, vai ao mundo das idéias, contempla-as e retorna ao mundo sensível. Esse é um movimento

individual, de cada alma; mas essa alma individual não tem nenhum sentido em si própria. Seu sentido se dá quando é capaz de contribuir para o desenvolvimento da humanidade enquanto um todo, e não somente da humanidade material, mas da humanidade universal. O homem, para Platão, é o homem universal, o homem verdadeiro, despojado de todos os vícios do mundo material; é o homem liberto de todas as concepções particularizadas, de todas as opiniões, que é capaz de chegar a essa verdade universal. Quando o homem, terminado o seu ciclo de reencarnações, é incorporado ao mundo das idéias, chega à sua plenitude, e é isso que ele precisa atingir. Para Platão, o homem individual não é absolutamente importante; é importante no conjunto da humanidade; portanto, é o inverso do que acontece com Protágoras, em que o sujeito individual tem a sua importância e a importância é só dele e de nada mais.

O homem-medida de Protágoras é determinado como uma consciência de si, uma consciência que se basta, uma consciência que depende apenas do seu próprio produto; é o homem que não depende de nada além daquilo que ele é e do modo como vai pensar. O homem-medida de Protágoras não é oculto como o de Sócrates e o de Platão, mas é um homem desvelado. E é sobre este homem determinado e que está aí, que incide o valor total do pensamento, segundo Protágoras.

Vamos agora falar sobre o ceticismo, já que o nosso objetivo é fazer uma comparação e demonstrar qual é a influência da sofística de Protágoras no ceticismo antigo.

No século III a.C., após a morte de Sócrates, surgem várias correntes do pensamento que pretendem ser continuadoras do pensamento socrático. E essas correntes vão surgir até aproximadamente o século II d.C.. Dentre elas, há uma chamada “ceticismo”.

A palavra ceticismo vem de *sképsis*, uma palavra grega que significa “indagação”. O cético se propõe indagar, perguntar, porque quer saber das coisas. Nesse processo de indagação, ele encontra um relativismo do pensamento tão grande, uma proliferação tão grande de idéias a respeito dos mesmos assuntos, que imagina: “Tantas pessoas falaram acerca do mesmo tema, e todas julgaram ter falado as melhores coisas, e todas julgam estar certas; além disso, todas elas têm partidários. O que posso fazer diante disto?” O cético se mostra completamente confuso: “Eu não sei mais qual é a verdade, já que todas as versões se apresentam como verdades; todas essas correntes ou todas essas vertentes apresentam os seus raciocínios perfeitamente encadeados e argumentados logicamente, de modo que tenho de admitir que elas possuem, de algum modo, a verdade. Porém, eu não consigo determinar qual é “a” verdade. Eu pensava, antes, que havia uma e, agora, aparecem muitas. A qual delas devo dar

assentimento?” Este é o problema do cético. Ele fica perturbado, durante o seu processo cognitivo, diante de tantas verdades que estão diante de seus olhos. Mas, para o cético, há um objetivo primordial, e esse objetivo é o de atingir a felicidade. Isso significa livrar-se das perturbações da alma, que são causadas também pela filosofia, que provoca certos distúrbios na mente do sujeito, de modo que, se ele vivia tranqüilamente, a partir de então, já não viverá mais. O objetivo do cético é tornar-se tranqüilo, atingir o que se chamava *ataraxia*, isto é, “imperturbabilidade”.

Por que o cético chega a esse desejo da imperturbabilidade? Porque ele é politicamente exausto. Na época dos céuticos, havia um movimento político muito confuso. Atenas acabara de perder a guerra do Peloponeso e, logo a seguir, vieram os macedônios, tomando a Grécia. Enfim, existia uma ebulição política terrível, em que não se via perspectiva de melhora, de recuperação da *pólis*. Então, o cético nada mais tinha a fazer do que ficar pessimista. Não se voltava mais para a cidade, mas para o interior de si próprio. Em virtude desse pessimismo, dizia: “Não posso colaborar com nada mais e, por isso, vou colaborar comigo mesmo, se é que é possível.”

Ele é pessimista com relação à sociedade e ao conhecimento, e vai imaginar também um meio para atingir essa imperturbabilidade. Imagina, novamente, diante de várias alternativas, todas muito bem justificadas, todas exigindo para si o estatuto de verdades: “A única coisa que eu posso fazer é chegar à *epokhê*”, que significa *suspensão do juízo*. “Diante das alternativas que estão me apresentando – continuaria ele -, somente tenho a dizer que não me pronuncio pela verdade e nem pela falsidade de nenhuma delas. Cada um que fique com a sua opinião. Eu não fico com nenhuma”. Esta é a alternativa que os céuticos acabam adotando, não aceitando nenhuma doutrina, refutando e negando todas as que aparecem. Eles negam tudo o que perturba a alma, inclusive a política da cidade. Vêm-se numa situação diante da qual não conseguem dar outra resposta a não ser esta: “Eu vivo em uma cidade, cujas leis são consideradas verdadeiras pelos que as fizeram. Eu não as considero assim. Aliás, para mim, se elas são verdadeiras ou falsas, tanto faz, uma vez que eu não posso saber de sua verdade ou falsidade. Para que eu não fique incomodado com essas leis, o que devo fazer? Simplesmente as sigo e, assim, não tenho de dizer que gosto delas ou que são as melhores. Não! Simplesmente as sigo.

Fazendo isso, evito ser perseguido pela cidade. Assumindo que não tenho nenhum compromisso interior com a lei, também fico tranqüilo”.

Desta maneira, o objetivo do cético é viver de acordo com as leis, não tomando partido de coisa nenhuma e aceitando tudo como está dado.

Dentre os céticos, havia alguns que diziam não ser possível saber qualquer coisa. Eles imaginavam a impossibilidade total do conhecimento, seguindo Górgias, sofista um pouco mais antigo do que eles e que possuía três teses. Primeira tese: "Nada existe"; segunda tese: "Se alguma coisa existe, é incognoscível"; terceira tese: "Suponhamos que algo exista e que seja cognoscível; ainda assim, será incomunicável”.

Górgias nega toda a possibilidade de conhecimento. É o que fazem os céticos. Mas há outros mais céticos ainda que dizem: “Sequer devemos dizer que é impossível saber alguma coisa, porque se eu digo que não se pode saber nada, então sei alguma coisa (isto é, que não se pode saber nada). Assim, não devo sequer dizer isto, devendo apenas procurar”. E procurar o quê? A felicidade na tranqüilidade, na imperturbabilidade.

Os céticos são negadores do conhecimento, tanto quanto Górgias o era. Negam também a própria filosofia. Isso é uma consequência do pensamento de Protágoras de Abdera.

PALAVRAS-CHAVE: *sofista – filosofia – retórica – relativismo – ceticismo*

RESUMO: A sofística surgiu na Grécia, por volta do século V a.C., em decorrência da necessidade política de haver bons oradores, já que a democracia se fazia com votos e discursos persuasivos. Embora os sofistas discorressem habilmente sobre qualquer tema, o que diziam não tinha necessariamente algo a ver com suas crenças. Dentre eles, pode-se destacar Protágoras de Abdera, que desenvolveu sua tese relativista, segundo a qual o homem individual é o parâmetro de todas as coisas, pois proporciona-lhes ou nega-lhes existência. Os céticos antigos, influenciados por Protágoras, diante das diversas concepções referentes a um mesmo assunto, declaravam-se incapazes de optar por uma. Se todas são verdadeiras, como dizem seus partidários, os céticos não se encontram em condições de decidir-se por nenhuma. Agindo assim, pretendem aliviar seu sofrimento, chegando à imperturbabilidade.

BIBLIOGRAFIA:

- BAILLY**, A. Dictionnaire Grec-Français. Paris, Librairie Hachette, 1950.
- CHANTRAINE**, Pierre. Dictionnaire Etymologique de la Langue Grecque. Paris, Édition Klincksieck, 1968.
- DIELS**, H. — **KRANZ**, W. Die fragmente der vorsokratiker. Zurich, 1989.
- HEGEL**. G. W. F. Lecciones sobre la Historia de la Filosofía. trad. Wenceslao Roces, México, Fondo de Cultura Económica, 1955.
- ZELLER**, Édouard. La philosophie dès Grecs. Librairie Hachette et Cie, 1882.